



Contributos para a História da Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio

Francisco Castelo, 1998
(revisto e aumentado em 2006)

Dos antecedentes à fundação

A história das bandas filarmónicas em Portugal está intimamente ligada à história do movimento associativo e remonta a meados do século XIX. Uma das teorias que pretende explicar a sua génese atribui às bandas militares a sua criação. Existindo, porém, referências a formações cuja origem é anterior ao aparecimento das bandas militares, facilmente concluímos que para o surgimento das bandas filarmónicas terão contribuído dois modelos formais. As bandas propriamente ditas, que terão sofrido a influência das bandas militares e, paralelamente, as filarmónicas, figurino herdado das sociedades de concerto inglesas (associações de elementos que exercitavam a música de câmara). As filarmónicas terão assim surgido no nosso país pela influência dos súbditos de sua majestade¹.

A alusão mais antiga feita a uma banda filarmónica do Concelho de Lagos refere a "Phylarmonica Recreio Musical" fundada em 1 de Dezembro de 1894 e que em Novembro de 1902 solicita ao Clube Artístico Lacobrigense o salão desta colectividade para aí proceder às festividades do seu oitavo aniversário². Sobre esta banda pouco ou nada se sabe, quer quanto à sua composição, quer em relação à localização da sua sede e relacionamento com a comunidade.

Por volta de 1915 terão co-existido em Lagos, com a banda militar, três agrupamentos civis. Acerca desses agrupamentos chegam-nos, ainda, ecos do passado: Os Escaramalhas e os Roufenhos ou Refengos, cabendo a um destes, pela sua ligação à Indústria Conserveira, sair à rua em recepção a um dos proprietários de então, possivelmente o patrão, o ilustre Papaleonardo. Da mesma altura há memória de uma formação de guitarristas e flautistas que integraria mais de meia centena de Soldadores da Indústria Conserveira.

Estas bandas, de percurso efémero e carácter informal, terão coexistido, e rivalizado entre si, num período situado entre meados da primeira década e finais dos anos vinte do século passado. Posteriormente, existiu

a banda da Sociedade Filarmónica Recreativa Lacobrigense, conhecida por Sociedade dos Ricos. De vida relativamente curta, foi composta maioritariamente por músicos da banda militar do Regimento de Infantaria 33, ao tempo, sedado em Lagos. Num período de interregno entre o desaparecimento das bandas civis e a Formação da S.F.L. 1º Maio terá pontificado, de novo, a banda militar. Os músicos das bandas filarmónicas eram frequentemente convidados para abrilhantarem bailes e festas populares e, para além desta actividade de carácter público e externo dedicavam-se ainda ao ensino da música. Assim terá acontecido com vários músicos militares que com esta actividade reforçavam o seu magro pré.

Os instrumentos de corda tinham grande aceitação junto do público feminino, era o caso do bandolim e do violino. A viola e os instrumentos de sopro como a flauta, o clarinete, o trompete e o saxofone tinham no público masculino os seus principais entusiastas, até porque eram, no caso dos instrumentos de sopro, os mais utilizados nos bailes. A viola e o violino ocupavam um lugar de destaque nas serenatas, então muito em voga, como manifestação de amizade por parte dos músicos, como homenagem ou ainda como simples apresentação de cumprimentos a indivíduos que, independente da sua condição social, mereciam especial deferência.

Dissertar sobre as razões que terão presidido à escolha do nome “Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio” leva-nos, em primeiro lugar, a considerar a ligação ao feriado municipal, neste dia de Maio - que por imposição governamental será alterado nos anos 50. Podemos também admitir a intenção em evocar a tradição do Maio, evento singular e tão arreigado às gentes de Lagos que no quinto mês do ano davam grandes passeios às hortas e às praias, folgando e festejando, com a natural jovialidade e alegria que caracteriza os algarvios. A esse propósito transcrevemos um texto antigo que nos elucida acerca da tradição do Maio.

Contam alguns pragueiros que nesta cidade aconteceu um caso estranho e digno de memória, dizendo que antigamente os moradores dela costumavam festejar o primeiro dia de Maio vestindo um estrangeiro com os mais ricos vestidos, que lhe podiam achar, e todo coberto d'ouro, de muitas joias, cadeas, braceletes, anéis e peças de muita valia, que lhe cosiam por cima dos vestidos, o faziam cavalgar no melhor cavalo, e todos com suas trufas na cabeça, adargas nos braços e suas lanças, andavam com ele por toda a cidade, e diante dele iam homens, tangendo em frutas, e muitas mulheres cantavam e dançavam, e diziam todos: Viva o nosso Maio. E tendo feito Maio a um estrangeiro, ornado e posto a cavalo, e dizendo-lhe, fora da cidade, que corresse, apertou as pernas ao cavalo e fugiu com todas as joias e peças ricas da terra em Maio, e, por causa daquele homem, lhe chamaram mês, que não devera, em memória da grande perda, que tiveram³.

Apresentada a lenda lacobrigense do “mês que há-de vir” devemos, por outro lado, considerar ainda a hipótese dos seus fundadores terem pretendido evocar a condição social e profissional da maioria dos seus membros - comerciantes, empregados de comércio, operários e trabalhadores em geral - animados pelos ideais de cunho popular e universalista propagados pela República parlamentarista e que então se achavam comprometidos pela vigência da Ditadura Nacional (em 1931 era Presidente da República o General Carmona e o Dr. Oliveira Salazar era Ministro das Finanças).

Nesse sentido, a referência ao Dia Internacional do Trabalhador colhe as simpatias da população de um município que desde os primeiros momentos da República marcara a sua presença de forma indelével - participando massivamente nas eleições, votando maioritariamente no partido democrático em 1910 e elegendo deputados locais à Constituinte de 1911.

Mas, se em 1931 foi possível fundar uma associação cujo nome incluía a data da comemoração do Dia Internacional do Trabalhador, dois anos mais tarde tal já não seria permitido pelo Estado Novo, instituído com a promulgação da nova Constituição em 11 de Abril de 1933. Tal denominação iria, por este facto, ao longo da história da associação, trazer-lhe dissabores – chegando mesmo a colocar em perigo a sua continuidade. Recordemos que em 5 de Julho de 1932, Oliveira Salazar assume a chefia do Governo concluindo a instauração de um regime que conformava “...um Estado com uma doutrina totalitária...”⁴ que, nos doze meses seguintes, reorganiza a censura prévia, cria a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado e, em Setembro de 1933 “...lança-se, finalmente, ao assalto frontal do movimento operário com a promulgação da legislação corporativa”⁵.

Em 22 de Setembro de 1950, o Governo Civil de Faro oficia a Câmara Municipal no sentido da autarquia promover a alteração da data do feriado municipal, alegando não se tratar de um dia festivo e contrariar o Código Administrativo. A Câmara entende manter a data por ser uma tradição centenária, logo um dia festivo, e porque essa alteração “constituiria motivo de desagrado para a população”⁶.

A apoiar esta teoria, temos a própria constituição do elenco de fundadores, o qual integra vários membros da classe laboral a par de alguns nomes da burguesia local e profissionais de actividades a que hoje chamamos liberais. Outro factor reforça esta ligação do mundo laboral à fundação da filarmónica: a sua primeira sede funcionou no Clube Recreativo Metalúrgico Lacobrigense, sito na Rua 1º de Maio. E assim, também este facto sugere outra hipótese para a escolha da denominação da associação: a toponímia da rua onde a associação esteve sediada. Dois aspectos, no entanto, reforçam as dúvidas. Em primeiro lugar parece-nos estar perante o velho dilema do ovo e da galinha, isto é, a rua também poderia ter mudado de nome em função da nova associação aí alojada – antes do nome 1º de Maio, chamou-se Rua Triste. Em

segundo lugar temos o carácter temporário da sede que, não sendo propriedade da S.F.L., mas sim de outra colectividade, retira a plausibilidade da relação entre o nome da rua e a denominação escolhida para a sociedade. Não nos parece pois, hipótese suficientemente consistente.

Quando questionamos os elementos mais antigos da Filarmónica acerca da razão que terá conduzido à escolha do nome da sua associação, de imediato recebemos como resposta que foi no dia 1 de Maio que a Banda saiu à rua pela primeira vez e que esse facto terá dado origem à sua denominação. O 1º de Maio de 1931 ocorreu a uma sexta-feira e, sendo certo que só um dia feriado ou fim-de-semana permitiria a necessária disponibilidade dos filarmónicos para actuações, tendo a escolha recaído sobre o feriado municipal em detrimento do fim-de-semana imediatamente sequente, tal escolha reforça a ideia de uma ligação intencional a essa data, Dia da Cidade e/ou Dia Internacional do Trabalhador.

Os Estatutos da S.F.L. 1º de Maio, aprovados oficialmente por Alvará emitido pelo Governador Civil do Distrito de Faro em 24 de Agosto de 1932 foram subscritos por 21 signatários: Francisco Queiróz Taquelim; António Luiz Castelo; Jacinto Norberto Alves, Manuel Portelada; António Pedro Pião; Dionel Carmo Cerol; Augusto Germano da Costa; Romeu Amável Carreta; Manuel Galvão; Domingos Francisco Passarinhos; José Viegas Pereira; Jerónimo António Monteiro; Francisco José Mesquita; João Miguel Palanque; António Morais da Silva; Artur Pereira; Raul Taquelim da Cruz; Bento Formosinho; Manuel Domingos Pereira; Armando da Glória Martins e Alberto Reis Leal.

A S.F.L. 1º de Maio foi reconhecida como Colectividade de Utilidade Pública em 17 de Setembro de 1988 e foi agraciada com a Medalha de Mérito Municipal – Grau Prata, em 27 de Outubro de 1991 como reconhecimento pelo seu trabalho no âmbito sócio-cultural. Em 1 de Maio de 2006, ao completar 75 anos de existência recebeu a Medalha de Mérito Associativo – Grau Prata, atribuída pela Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, da qual é associada.



A Banda da S.F.L. 1º de Maio na festa de Natal em 25 de Dezembro de 1939

A Banda da S.F.L. 1º de Maio no dia 1 de Janeiro de 1940





A Banda da S.F.L. 1º de Maio c. 1948

As instalações, os coretos, e outros locais de actuação

Desaparecidos todos os fundadores da Filarmónica, torna-se muito difícil reconstituir alguns dos factos ligados aos primeiros momentos da sua história. Actualmente a S.F.L. 1º de Maio ocupa o edifício Conde Ferreira, antiga Escola Primária, situada na Praça d'Armas, a poucos metros do amuralhado, integrada no perímetro histórico da cidade. Antes, terá ocupado o número 32 da Rua dos Camachinhos, durante um breve período, após a saída do nº 34 da Rua 1º de Maio (antiga Rua Triste) e antes disso, durante a década de quarenta esteve “hospedada” na sede do Clube Recreativo Metalúrgico Lacobrigense. As instalações que terá utilizado em épocas mais remotas, nos primórdios da sua existência, constituem incertezas e referem apenas a utilização da sede do Clube Futebol Marítimo “Os Lacobrigenses”.

A sede da Filarmónica foi sempre, à imagem do que acontece noutras associações coevas, um espaço de convívio e lazer onde se reuniam sócios e não sócios. Os visitantes podiam – depois de serem apresentados e obtida a necessária autorização – frequentar a sede durante os quinze dias seguintes, e participar em actividades lúdicas em torno de jogos de mesa e de salão como o bilhar, as damas, o gamão e as cartas. Desde o início contou, no seu património, com vários jogos e mobiliário adequado a essas actividades de lazer. O Inventário dos Móveis e Utensílios Existentes, elaborado em 26 de Setembro de 1938, dá-nos conta

da existência de um vastíssimo património móvel proveniente a título de empréstimo, da Associação Comercial e Industrial de Lagos. Património que incluía: 1 Bilhar; 1 Relógio de parede; 12 Quadros com vistas de Lagos; 7 escarradeiras de esmalte; 48 cadeiras; 1 jogo de Gamão; 2 jogos de Dominó. E em 1953 juntava-se novo material entretanto adquirido pela associação, destacando-se a telefonia Hornyphon de 6 lâmpadas (válvulas).

A empatia existente entre a Filarmónica e a cidade, e a forma como a população se identificava com esta associação pode ser representada por inúmeros episódios, mais ou menos inesperados e pitorescos. Um dia, um marítimo – simples e modesto pescador como muitos outros que dessa forma governavam a vida em Lagos – entrou, descalço e em trajas menores, pela sede adentro. Pretendia apenas uma sanduíche de moreia, à laia de “mata-bicho”. Ir à Filarmónica “comer uma bucha” fora pois, a sua principal preocupação, logo ao saltar para terra, depois de uma noite na faina do mar.



Fachada da actual sede, a antiga Escola Primária Conde Ferreira

As receitas do bar da Filarmónica, tal como as outras fontes de rendimento eram certamente muito magras e assim, sempre que possível, procurava-se aumentar esses proveitos recorrendo a actividades no exterior. Atente-se ao seguinte excerto da acta de Reunião da Comissão Administrativa do Município em 22.08.35: "...Foi lido um ofício da Direcção da Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio, pedindo autorização para armar uma quermesse na Praça da República, ao lado do Sul, a fim de funcionar nas noites de música, destinando-se a receita a melhorar as condições de vida da mesma Filarmónica. - A Comissão deliberou conceder a autorização solicitada..." .

Podemos dizer que a vida dos filarmónicos, enquanto tal, sempre se dividiu entre a sala de ensaios na sede e as actuações nos coretos, nas arruadas e nas procissões. Estas últimas, ocorriam um pouco por toda a parte, nas ruas da cidade, nas aldeias do concelho e até mesmo noutras terras. A procissão do Senhor Morto saía da Igreja das Freiras (das Irmãs Carmelitas), passava por algumas ruas da cidade, percorrendo o circuito dos passos (parte da antiga Via Sacra) e regressava ao ponto de partida. A participação da Filarmónica era imprescindível pois a procissão decorria ao som da marcha fúnebre de Schubert que a Banda executava durante o trajecto.

Lagos possuiu dois coretos que se localizaram no mesmo sítio, embora em épocas distintas. O local, a Praça da República foi, por esse motivo, conhecida por Praça da Música e constituía a sala de recepção de acontecimentos populares, culturais e recreativos, reservando-se a Praça Gil Eanes para as recepções oficiais pelo que, neste local, a Filarmónica tocava apenas os hinos adequados à circunstância. O coreto, situado em frente da Igreja de Santa Maria, mais ou menos onde hoje se encontra uma esplanada recebia, quer a Banda Filarmónica, quer a Banda Regimental que aí executavam a sua música e animavam matinés e soirés de fins-de-semana. Durante um certo período a Filarmónica exibiu-se aí, também, às quintas-feiras à noite. Os concertos nocturnos ocorriam com frequência e muitas vezes como corolário de uma procissão ou outra celebração religiosa iniciada durante o dia e que desta forma terminava em festa. Por volta de 1946/47 vários eram os músicos que não se apresentavam no coreto, ao lado dos seus colegas, devido à grande falta de fardas. Só muito posteriormente esta situação seria remida e afastada como problema endémico na S.F.L. 1º de Maio.



Coreto antigo existente na “Praça da Música”, anos 40.

O primeiro coreto, construído com base em alvenaria e superestrutura metálica, de dimensões mais modestas que o segundo, terá sido destruído antes da formação da S.F.L. 1º de Maio para dar lugar ao novo coreto, construído no mesmo material mas maior, mais alto, e com mais espaço para receber a banda e guardar apetrechos no seu interior. Infelizmente, a construção da avenida marginal e a colocação da estátua do Príncipe Navegador, em 1960, terão justificado a remoção do simpático coreto que, assim, desapareceu para sempre.



Programa de Sarau para angariação de fundos para a construção de um coreto, em 1900.



Festividade em 21 de Setembro de 1929 mostrando o Coreto onde actuavam as bandas regimentais e civis.

No primeiro ano do novo milénio Lagos inaugurou um coreto, de construção modesta e localização deficiente, não obstante situar-se num pequeno parque urbano adjacente à artéria da cidade que ostenta o nome da filarmónica local e para onde se prevê a implantação da futura sede da Associação.



O coreto instalado, em 2001, nas proximidades da localização da futura sede da S.F.L.

Os repertórios

Inicialmente, e durante uma primeira fase da sua historia, as filarmónicas ainda sob uma forte influência das formações musicais militares executam marchas e peças de adorno de cunho marcial, hinos e peças adequadas a pompas e recepções a entidades oficiais, mas sempre misturadas com a execução de temas de carácter popular, pois não podemos esquecer que estamos perante formações de índole popular. Imutável, permanece a presença dos temas religiosos nas bandas, pois que uma das atribuições maiores destas formações musicais consiste em acompanhar festas de carácter religioso ou profano.

Também a influência da música clássica marcou, e marca, presença nos repertórios das filarmónicas, como resultado de arranjos escritos por alguns maestros mais eruditos quer por importação de partituras produzidas e divulgadas no estrangeiro.

Numa banda filarmónica, a maior parte dos instrumentos são transpositores. Isto é, os diferentes instrumentos tocam para que a sonoridade seja única, como se fosse apenas um instrumento a tocar: p. ex. se o clarinete (armado em Sib) dá um Dó, o baixo (armado em Mib) tem de dar um Sol. Se ambos executarem a mesma nota, não combina, não afina em termos de tonalidade. Esta é uma particularidade das Bandas Filarmónicas que as distingue de outras formações musicais de semelhante cunho popular.

Actualmente assiste-se a um fenómeno evolutivo no âmbito dos repertórios. As Bandas Filarmónicas abordam vários domínios musicais desde a música popular, aos arranjos de música tradicional, erudita e ligeira. Há uma maior abertura a temas modernos provenientes da música pop-rock e mesmo o Jazz possui hoje maior influência nos repertórios das bandas filarmónicas. Veja-se o caso das bandas açorianas que, mercê da estreita ligação à emigração para os Estados Unidos, recebem esse tipo de influência, incluindo nos seus repertórios temas mais complexos como algumas peças de Thelonious Monk, entre outros. Por vezes são, também, os músicos que tendo começado nas filarmónicas e progredido para o JAZZ, acabam por exercer nas Bandas Filarmónicas, de que não se desligam completamente, a influência musical resultante da sua evolução e das novas experiências que adquirem.

Podemos dizer que se vai esbatendo, paulatinamente, o arcaísmo existente entre as bandas portuguesas e as dos países vizinhos que, na segunda metade do séc. XX, avançaram pela reconversão musical aproximando-as de outras formas musicais, numa interpretação mais ao gosto do público. Factor importante, pois na escolha dos repertórios reside, em grande parte, a aceitação da banda filarmónica, nomeadamente por parte das gerações mais novas.

Trabalhos interessantes têm sido feitos pela Europa fora, com resultados muito válidos na recuperação de temas do folclore e sua adequação a formas musicais modernas. Assiste-se pois a uma certa reconversão da fórmula tradicional da Banda Filarmónica, ainda que o fenómeno não seja universal e algumas filarmónicas não mostrem ensejo ou capacidade para encetar essa conversão.

Do repertório referenciado em arquivo, e em uso em finais dos anos oitenta, constam: 185 marchas (marchas graves, marchas populares e marchas fúnebres); 16 rapsódias; 17 fantasias; 44 valsas; 27 passo dobles e tangos; 13 fados; 4 viras e corridinhos; 21 polkas; 4 boleros; 7 óperas e operetas; 3 sinfonias; 5 aberturas; 2 suites; 7 árias; 10 foxtrots; 5 hinos; 3 passo calle; 5 canções; 2 bailados; 3 serenatas.

O repertório actual evidencia uma variedade de estilos e proveniências musicais atestando um certo trabalho de reconversão e adaptação aos gostos e às situações da vida contemporânea. Marchas de Rua: “Passeio a Maiorca” de A. Caineta; “Roberto Nunes” de I. Costa; “Wild Horn” de M. Lee Mann; “American Fly” de D. Mensa; “Prestige” de P. Riedemann; “Mit Spiez Voran” de E. Uebez. Procissões e Fúnebres: “Nossa

Senhora do Bom Despacho” de S. Leite; “Nossa Senhora da Boa Viagem”; “Santa Rosa”; “Santa Cruz”; “Virgem de Guadaluoe” de M. A. Neto; “Sobre a tua Campa”; “Uma Lágrima”; “Ecce Homo”; “Dessidérum”.
Concertos : “Harmonique” de Wim Laseroms; “Danke Shön” de Bert Kaempfert (arr. Hans Kolditz ; “Chasing the Mob” de Patrick Verhaegen ; “Big Band Stom” de Kees Vlak; “A Banda” de Chico Buarque de Holande; “Love Can Build Bridge” Arr. de R. Sebgrets; “Concerto para Clarinete – 2º Andamento” de W. Mozart ; “Natal dum Garoto” de Ferrer Trindade; “Célebre Adágio” de T. Albinoni; “Ave Maria” de F. Schubert ; “Linda Noite de Natal” popular algarvia; “Gloria in Excelsis Deo” de Haendell; “Concert Piece” de F. O’Carrol; “The Beatles in Concert” arr. de W. Hautvast; “Film Music Suite” de F. Clifford; “Vonken” de B. Fäzt; “Peter Gun Theme” H. Mancini; “Fiesta Tropicale” arr. V. Lopez; “Extra” de D. Carnevali. Outros : “Grândola Vila Morena”; “Alife on the Ocean Wave”; Hino Nacional de A. Keil; “Hino da SFL 1º Maio” de M. Frenandes; “Hino da Cidade de Lagos” de J. Flosa; “Lagos, Passado e Presente” de F. Trindade.

Actualmente, a Banda realiza, em média, cinquenta actuações por ano, um pouco por todo o país, participando em festivais, comemorações e outros eventos de particular significado social. A S.F.L. 1º de Maio organiza anualmente um Festival de Bandas Civas que conta, já, com 22 edições. O primeiro festival realizou-se em 22 de Setembro de 1984 e reuniu em Lagos as bandas das seguintes associações algarvias: Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva; Sociedade Filarmónica Silvense; Banda Musical Castromarinense; Associação Filarmónica de Faro; Sociedade Musical e Recreio Popular de Paderne; Banda dos Bombeiros Voluntários de Portimão, e a banda anfitriã.

Outro interessante evento inscreve-se na área da poesia, com a realização dos Jogos Florais. De carácter bienal, é tutelada por uma figura relevante da história da associação, elevada a patrono, do qual é apresentada uma breve biografia. Invariavelmente, as suas edições – iniciadas em 1999 – recolhem participações em quatro modalidades: prosa, soneto, quadra, e poesia livre. Concorrem largas dezenas de poetas amadores, nacionais e estrangeiros, com destaque para os brasileiros.

Músicos e instrumentos

Actualmente [2006], a Banda é composta por cerca de quarenta músicos, sendo 65 % deles jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 25 anos, repartindo-se equitativamente por ambos os sexos, todos formados na Escola de Música da associação.

No que concerne à distribuição dos instrumentistas pelo tipo ou naipe de instrumentos, a composição da Banda inclui 13 clarinetes, 1 saxofone soprano, 2 saxofones altos, 2 saxofones tenor, 4 trompetes, 1 fliscorne, 1 trompa, 2 bombardinos, 3 trombones, 1 tuba, 6 percussionistas. Porém, o património instrumental da

associação é bem mais vasto. Entre instrumentos operacionais e, temporariamente, inoperacionais existem: 1 flautim, 6 flautas, 1 requinta, 17 clarinetes, 2 sax sopranos, 10 sax altos, 7 sax tenores, 2 sax barítonos, 10 trompetes, 7 fliscornes, 1 sax trompa, 3 clavicornes, 3 bombardinos, 1 trombone pistões, 6 trombones de varas, 4 contrabaixos, 2 tubas, 1 lira, 2 baterias e diverso material de percussão.



Actuação na Praça Luís de Camões em 1989



Arruada pela cidade em 1997

A filarmónica e o ensino da música

Um estudo realizado em 1998 pelo INET (Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa) estabelece a distribuição da expressividade dos vários tipos de Grupos Musicais Locais tendo por base um universo de 3.720 grupos activos. “A seguir aos Ranchos Folclóricos, são as Bandas Filarmónicas que têm maior expressividade, visto que representam 21% (789 Bandas e Fanfarras) do total dos grupos que constituem o universo de pesquisa...”⁷.

O papel mais importante desempenhado pelas filarmónicas nas comunidades respeita, sem dúvida, à formação musical. Alguns estudiosos da musicologia não hesitam em qualificar esta acção das filarmónicas como “uma rede paralela de escolas de música em todo o país”. Quanto a nós a afirmação só peca por defeito, pois ainda que hoje se assista à implantação de inúmeras escolas privadas e ao crescimento do número de academias e conservatórios, porém, num país que nunca teve uma educação musical estruturada e onde um instrumento musical é considerado um artigo de luxo, as escolas das filarmónicas foram, e ainda são em larga medida, a grande rede de ensino da música em Portugal.

Na Filarmónica de Lagos a Escola de Música funciona sob a orientação do Maestro mas, quer as aulas de solfejo quer as de instrumento são, nos primeiros momentos, conduzidas pelos músicos mais experientes que vão formando os novos elementos da banda. Actualmente a escola de música da S.F.L. 1º de Maio conta com cerca de 15 alunos.



Celebrando o aniversário da S. F. L. 1º de Maio em 1999

As fontes de subsistência

Sem o auxílio das autarquias locais não seria possível a sobrevivência das filarmónicas quer pelo magro rendimento das quotizações, quer pela ausência de hábitos de mecenato e patrocínio de que a nossa sociedade enferma. Assim, é nos subsídios e nos protocolos com as câmaras municipais e juntas de freguesia que as filarmónicas vão recolher os fundos necessários ao seu funcionamento. Não raras vezes o apoio da autarquia vai mais longe, quer na disponibilização do espaço para sede e sala de ensaios quer no transporte para as deslocações. Trata-se, na maior parte dos casos, de uma decisão que reconhece na actividade das filarmónicas o triplo papel de difusores da música, construtores de espírito de disciplina e camaradagem, e uma embaixada da comunidade, onde quer que se apresentem.

Os serviços cobrados e as receitas de quotização representam um rendimento modesto mas que não deixam de ser importantes pois é com esses proveitos que se suprem as despesas correntes e se gratificam os músicos, consoante a sua participação nas actuações. Procissões, recepções oficiais e arruadas constituem, assim, uma modesta fonte de rendimentos para estas associações, com vida sempre difícil e espartilhada pelos elevados custos inerentes à sua existência: preço dos instrumentos, custos com instalações de razoável dimensão, fardamentos, deslocações.

Outra fonte de receitas provém da realização de festas de cunho popular nomeadamente os bailes, as marchas e os mastros dos santos populares, em que a quermesse, com as suas rifas, e a venda de bebidas, sardinhas assadas e os tradicionais caracóis, contribuem para o acréscimo desse magro pecúlio.

No saldo final, ressalta a realidade de uma existência difícil, em que o tecido empresarial, pouco sensível ao mecenato, por razões de escassez de recursos ou, mais comumente, por razões de cultura, raramente participa no apoio a instituições deste tipo.

16º Festival de Bandas Cívicas
Lagos - 4 Set. 99

Organização:
Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio

Programa

15h30 - recepção das Bandas na Praça d'Armas

15h45 - apresentação de cumprimentos e execução dos hinos das Bandas

16h30 - início das arruadas a partir de vários locais da cidade até à Praça Gil Eanes

17h00 - apresentação de cumprimentos à edilidade, execução de uma peça musical por cada uma das Bandas

17h30 - desfile de todas as Bandas pela Avenida dos Descobrimentos

20h30 - concertos individuais por todas as Bandas na Praça Gil Eanes

Bandas Participantes

- Soc. Musical Mindense

- Soc. Musical União Parédense

- Banda Municipal do Barreiro

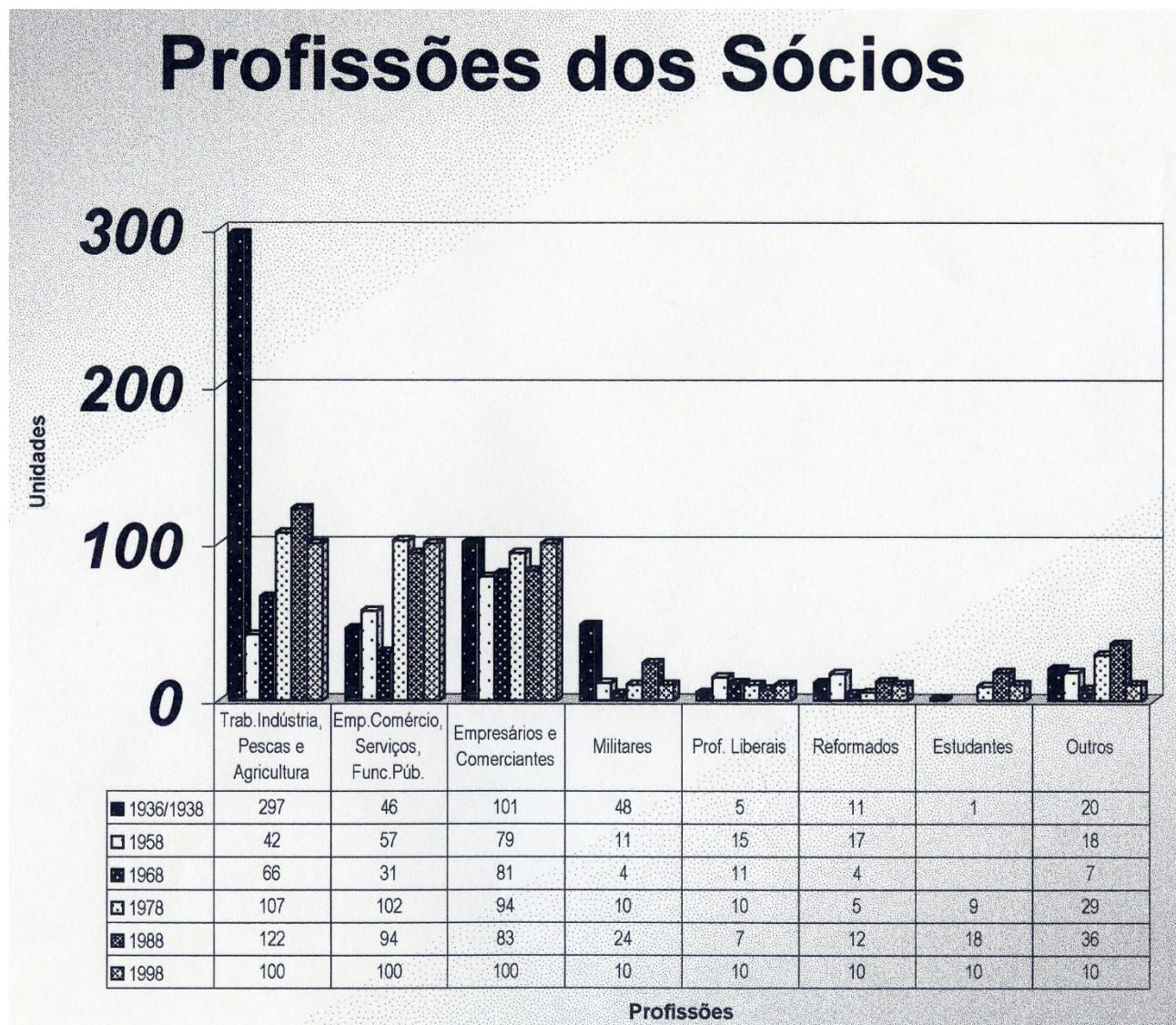
- Soc. Filarmónica Capricho Bejense

- Soc. Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio

Apoio: INATEL, Juntas de Freguesia do Concelho de Lagos, Ministério da Cultura, Câmara Municipal de Lagos, Colaboração: Bandas Participantes, Restabelecer o Espírito da Música, Rancho Folclórico e Etnográfico de Odalva

A filarmónica e a comunidade

A Filarmónica de Lagos continua a suscitar o reconhecimento da sua comunidade, não obstante existirem no concelho mais de seis dezenas de associações culturais, recreativas e desportivas. A S.F.L. 1º de Maio conta actualmente com 376 sócios.



Quadro da Distribuição Profissional dos Sócios da Filarmónica entre 1938 e 1998

Muito para além da sua actividade principal, a filarmónica de Lagos desenvolveu, em momentos vários da sua história, esforços, no sentido de integrar e despoletar dinâmicas de carácter mais alargado no âmbito cultural local. Não é de estranhar, pois, ter estado na origem da criação de outros grupos e associações culturais como foi o caso do Grupo Coral de Lagos. Desse facto dá-nos conta o jornal mensal “O Nosso Jornal”, em dois artigos inseridos nas edições de Agosto e Novembro de 1976. Transcrevemos um excerto deste último.

«Foi recentemente adquirido pela Câmara Municipal de Lagos o imóvel em ruínas, conhecido por Casa dos Ricos, em Lagos. Desde há cerca de um ano que os elementos da Direcção da Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio vinham fazendo esforços em tal sentido. O Centro Cultural de Lagos, uma realidade concebida e iniciada na dita Sociedade Filarmónica, vê assim perto o dia da sua instalação definitiva numa sede capaz. A notícia foi comunicada aos interessados nas diversas secções do Centro Cultural, numa convocação do Presidente da Direcção, sr. Joaquim Taquelim, este começou por fazer um breve relance sobre as actividades do ano transacto, salientando a acção da Banda de Música, a Escola de Música, o Grupo Coral, as artes plásticas, o teatro infantil, etc. Ao iniciar o ano escolar está já assegurado o funcionamento da Escola de Música, do Grupo Coral e de um Grupo de Teatro Experimental. Juntamente com a Banda, que a cidade precisa de ver cada vez mais digna de si, as ditas secções, e todas as outras programadas, necessitam, absolutamente, de instalações que garantam o seu funcionamento adequado...»

Neste ano de 2006, em que a S.F.L. 1º de Maio comemora setenta e cinco anos de existência, atendemos às palavras proferidas pelo actual presidente da assembleia-geral, sr. Vítor Moreira, no dia do aniversário da associação, perante o edil e outros autarcas, músicos, sócios e demais convidados. É um discurso que, para além das habituais palavras de circunstância, manifesta as compreensíveis preocupações que o futuro suscita, realçando aquele que é o nó-górdio das associações. O problema das instalações que, ao fim de setenta e cinco anos, ainda não conheceu solução definitiva.

“...A Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º. de Maio, comemora hoje 75 anos de existência. Uma efeméride histórica em qualquer associação. Na Filarmónica, estes setenta e cinco anos têm um valor especial porque revelam uma actividade ininterrupta da nossa banda. (...) esteve sempre presente nas efemérides mais importantes do nosso Concelho. Nas recepções oficiais (...) nos acontecimentos mais relevantes como a inauguração da avenida, a inauguração da barragem da Bravura e as comemorações Henriquinas no início dos anos sessenta: nas grandes festas e romarias que se realizaram em Lagos, como as festas de São Gonçalo e da Senhora da Piedade; as celebrações da Páscoa e os cortejos de oferendas para o Hospital da Misericórdia, entre muitos outros. (...) a Sociedade Filarmónica tem sido, ao longo da sua existência, uma das colectividades com mais realizações culturais, recreativas, e de cariz tradicional. Desde a sua fundação, com os grandes bailes populares abrilhantados por grupos formados na filarmónica, as disputadas marchas populares, as festas da serração da velha, os grupos de cantares de janeiras, as festas de S. João e os vários concertos da banda. Mais recentemente, com os Festivais de Bandas Filarmónicas, os santos populares, os cantares dos Reis (...) os jogos florais e os espectáculos de variedades. Com um passado histórico brilhante, a Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio precisa de preparar o futuro. Existe, nesta altura, uma certa estagnação, tanto a nível da banda, como nas actividades culturais. Só a criação de uma nova Sede poderá incentivar novas iniciativas e dar condições ao desenvolvimento da escola de música. A actual sede, só com uma sala, não possui as condições mínimas necessárias para o ensino da teoria musical e instrumental e isso tem repercussões ao nível da quantidade de alunos que frequenta a escola de música, bem como na qualidade do ensino.”

Notas:

- ¹ Furtado, Edno, citando Paulo Lameiro, in Suplemento Correio da Manhã Domingo de 26 Julho de 1998
- ² Martins, José António, in “ Elementos para a História do Clube Artístico Lacobrigense”, Lagos 1993.
- ³ Sarrão, Henrique Fernandes in “História do Reino do Algarve” (c. 1600), - “Duas Descrições do Algarve do Século XVI” - Cadernos da Revista de História Económica e Social, Nº 3 - Livraria Sá da Costa Editora.
- ⁴ Rosas, Fernando in “História de Portugal – vol.7”- Direcção de José Mattoso, Círculo de Leitores, 1996.
- ⁵ idem.
- ⁶ Acta da Reunião da Câmara Municipal de Lagos de 27 de Setembro de 1950 – L.41 – Pág 129
- ⁷ Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Lima, Maria João – Práticas Musicais Locais: Alguns Indicadores Preliminares - publicação do Observatório das Actividades Culturais - Out 1998

O autor agradece a colaboração de José Carlos Vasques e Pedro Reis.